

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2014

A leitura como prática social: os gêneros textuais notícia e carta do leitor em sala de aula.

EVANGELISTA, Solange¹

JERÔNIMO, Isabel Cristiane²

RESUMO

Levando-se em conta que as disciplinas, de forma geral, são corresponsáveis para o fortalecimento do processo ensino e aprendizagem dos educandos, esse trabalho tem como público-alvo os professores e professoras que atuam no Ensino Fundamental e Médio do Colégio Estadual São José, na cidade de Londrina no Estado do Paraná. A partir de uma proposta interdisciplinar, buscaram-se ampliar as práticas sociais da escrita e da leitura, por meio do letramento com gêneros da esfera jornalística – notícia e carta do leitor – considerando as práticas pedagógicas necessárias às diferentes áreas do conhecimento. Esse trabalho visou oportunizar aos professores que atuam no Ensino Médio fundamentos teóricos e práticos para aprimorarem suas práticas educacionais em sala de aula, de forma a ampliar o letramento discente e o uso da escrita e leitura nas práticas sociais no qual estão inseridos.

Palavras-Chave: Professor. Leitura. Práticas Pedagógicas.

¹ Professora do Quadro Próprio do Magistério na Rede Estadual na Disciplina de Língua Portuguesa, lotada no Colégio Estadual São José de Londrina.

² Professora do departamento de Letras vernáculas e clássicas da Universidade Estadual de Londrina. Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista- campus de Assis-SP.

1. INTRODUÇÃO

O contato com a leitura e a escrita acontece com todas as pessoas, independentemente de serem alfabetizadas ou não. Ter contato com a escrita e a leitura nos vários espaços de circulação de um texto é uma prática social de letramento. O letramento é um conceito dado às práticas da língua escrita que acontece em outros espaços sociais, além do âmbito escolar.

A escrita está presente em todos os eventos sociais das pessoas, quando saímos de casa nos deparamos com a escrita em placas, letreiros, outdoors, jornais, revistas, panfleto, enfim a escrita é um componente da paisagem urbana e, conseqüentemente a leitura é exigida para o entendimento e compreensão dessa forma de comunicação denominada escrita.

Desde os tempos dos hieróglifos, a escrita tem ocupado um lugar de destaque na comunicação das sociedades. Tais escritos representavam os conceitos e as ideias dos egípcios. Cabia aos escribas à incumbência de grafar por meio de símbolos e desenhos tais registros. Graças a esses registros, os especialistas, arqueólogos e cientistas conseguiram saber, conhecer e descobrir muitas informações dessa civilização. Até os dias de hoje, é impossível mensurar a relevância dos registros da escrita encontrados nos diversos espaços sociais da história da humanidade.

A sociedade, com sua evolução e revolução no comportamento social, revolucionou o uso da escrita, contribuindo para os avanços e descobertas da linguagem, comunicação e leituras nos diversos espaços de interação social. O mundo contemporâneo exige o uso cada vez mais intenso das práticas sociais da escrita e da leitura de formas distintas e específicas para cada interlocutor.

Sabendo que tais exigências sociais permeiam espaços distintos, sendo um deles a escola, propomos um trabalho de leitura e letramento com jornal impresso, junto aos professores que atuam no ensino médio do C.E. São José de Londrina, tendo como objetivo principal implementar práticas de leitura significativas não apenas para as aulas de língua portuguesa como para as demais áreas do conhecimento, visando com essas praticas instrumentalizar teórica e metodologicamente os docentes para que sejam capazes de ampliar a capacidade de compreensão textual e discursiva de seus alunos, destacando dois gêneros textuais relevantes para a compreensão e uso da linguagem como prática social: notícia e carta do leitor.

Para tanto, a proposta deste artigo pauta-se nas Diretrizes Curriculares do Paraná para Língua Portuguesa (2008) e nas considerações das autoras Magda Soares (2009), Ângela Kleiman (2005 /2008), Cecília Pavani (2007), Irandé Antunes (2003) que propõem um trabalho com leitura e escrita, visando à interação nas práticas sociais do letramento.

O artigo foi estruturado em duas seções. Na primeira, apresentamos os fundamentos teóricos que regem o trabalho: os conceitos de letramento, leitura, gêneros textuais e as características formais e comunicativas da notícia e da carta do leitor; na segunda, apresentamos os resultados obtidos com as práticas de letramento junto aos professores; a esses resultados, seguem-se as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O que é letramento?

A expressão letramento, com seu uso mais atual, é encontrado na língua inglesa – literacy – que etimologicamente vem do latim littera significando letra, adicionando o sufixo - cy, que seria o sufixo - mento em português que “denota qualidade, condição, estado, fato de ser” (Webster’s Dictionary apud SOARES, 2009, p.17):

Letramento, em português, é o estado ou condição que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto das mudanças de âmbito social, cultural, político, econômico, cognitivo e linguístico alcançado através da escrita quando este ou aquele aprende a usá-la socialmente. O adjetivo literate é o que caracteriza o indivíduo que faz uso social da leitura e da escrita, ou seja, ele é letrado. (SOARES, 2009, p.18)

Nesse sentido, cumpre observar que as práticas de leitura e letramento na sociedade contemporânea mudaram suas características sociais, pois “os usos da língua escrita foram mudando na família, no trabalho, nas relações comerciais, na ciência, ao longo da história, também mudou, na escola a concepção do que seria “ser alfabetizado”, e do que é necessário para saber poder usar a escrita ao longo da vida.” (KLEIMAN, 2005, p.21).

De modo geral, a leitura e o letramento perpassam pelas mudanças sociais e pelo modo que as pessoas se comunicam, seja em qualquer relação social ou em processos de aprendizagem. Deve-se observar, entretanto, que as práticas de letramento em espaços de escolarização são, em sua maioria, direcionadas pelo/a

professor/a e variam segundo a situação em que se realizam as atividades de uso da língua escrita e de leitura.

O fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita como as instituições o concebem, diante da responsabilidade de introduzir os sujeitos nesse contexto.

A escola é uma importante agência de letramento, preocupa-se com ele, porém falta-lhe a prática social; na sua maioria, enfatiza apenas um tipo de prática de letramento: “A alfabetização como processo de domínio de códigos (alfabeto e numérico). Esse processo é geralmente concebido em termos de sua relação direta com uma competência individual, imprescindível ao êxito e à promoção no contexto escolar.” (SOARES, 2004, p.94).

Ainda sobre práticas de letramento, Kleiman (2005, p.25) esclarece que fora da escola, o letramento varia de acordo com a situação em que se realizam as atividades de uso da língua escrita. “Há uma tendência humana para contextualizar a ação, e as atividades em que se usa a escrita não fogem dessa tendência.” Para a autora, essas práticas denominam-se práticas situadas: “Refere-se ao entrosamento ou à sobreposição parcial existente entre a prática social e a situação; podemos atribuir isso a uma capacidade básica do ser humano de contextualizar os saberes e a experiência”. O termo letramento está diretamente relacionado à língua escrita e o seu lugar, as suas funções, os seus usos e as suas práticas nas sociedades letradas, que estão organizados em torno de um sistema de escrita e nas quais este assume importância central na vida das pessoas, em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem.

Além disso, torna-se letrado o indivíduo ou grupo que desenvolve as habilidades não somente de ler e de escrever, mas sim, de utilizar leitura e escrita na sociedade, ou seja, para Soares (2009, p.39), somente a alfabetização não garante a formação de sujeitos letrados.

Para a promoção do letramento, é necessário que esses sujeitos tenham oportunidades de vivenciar situações que envolvam a escrita e a leitura e que possam se inserir em um mundo letrado.

As mudanças que retratam a sociedade do século XXI estão transformando a maneira de ser dos sujeitos, especialmente no que se refere ao ato comunicativo. Isso inclui a leitura, a escrita e o letramento em práticas sócias de interação com sujeitos inseridos em um universo dominado por novas formas de expressar a linguagem.

Além de viver experiências culturais transformadoras que interferem na forma de produção e apropriação dos saberes, exigindo níveis maiores de letramentos.

2.2 O que é leitura?

Ler é uma prática social que se interliga a outros textos e outras leituras, ou seja, a leitura de um texto pressupõe em ações conjuntas de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que as pessoas estão inseridas. A leitura não é apenas o entendimento de um leitor inserido na cultura letrada, mas uma relação de aspectos sociais e culturais que perpassam pela atividade intelectual em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico (KLEIMAN, 2013, p.16,17).

O ensino e as práticas de leitura institucionalizadas na/pela escola está diretamente ligado ao processo de escolarização, pois a presença do livro no espaço escolar tem elevado o número de projetos de leitura nas salas de aula, porém não se tem aumentado à capacidade crítica dos alunos nas leituras escolares, nem tão pouco em textos existentes nas práticas sociais. Tal dificuldade é apontada praticamente em todas as áreas do conhecimento, em todos os níveis de ensino, mas ainda, com poucas propostas para minimizar essa defasagem dos discentes.

Kleiman (2013, p.21), afirma que para formar leitores é necessário gostar de ler, ou seja, é imprescindível que o professor também tenha o gosto pela leitura, ilustra sua afirmação com texto de Lionel Bellenger:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Essa resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, despertar-se para uma ficção, abrir o parâmetro do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também transformando de uma experiência de vida, e esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que vai amar. Pouco a pouco desejo desaparece sob o prazer. (Bellenger. Os métodos de leitura. p. 17), apud KLEIMAN, 2013, p.22.

Ler é uma prática social que se interliga a outros textos e outras leituras, ou seja, a leitura de um texto pressupõe em ações conjuntas de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que as pessoas estão inseridas. A leitura não é apenas o entendimento de um leitor inserido na cultura letrada, mas uma relação de aspectos sociais e culturais que perpassam pela atividade intelectual em

que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico (KLEIMAN, 2013, p.16,17).

O ensino e as práticas de leitura institucionalizadas na/pela escola está diretamente ligado ao processo de escolarização, pois a presença do livro no espaço escolar tem elevado o número de projetos de leitura nas salas de aula, porém não se tem aumentado à capacidade crítica dos alunos nas leituras escolares, nem tão pouco em textos existentes nas práticas sociais. Tal dificuldade é apontada praticamente em todas as áreas do conhecimento, em todos os níveis de ensino, mas ainda, com poucas propostas para minimizar essa defasagem dos discentes.

Kleiman (2013, p.21), afirma que para formar leitores é necessário gostar de ler, ou seja, é imprescindível que o professor também tenha o gosto pela leitura, ilustra sua afirmação com texto de Lionel Bellenger:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Essa resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, despertar-se para uma ficção, abrir o parâmetro do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também transformando de uma experiência de vida, e esperar alguma coisa. E um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que vai amar. Pouco a pouco desejo desaparece sob o prazer. (Bellenger. Os métodos de leitura. p. 17), apud KLEIMAN, 2013, p.22

Para experienciar esse prazer é necessário que professores dialoguem com suas práticas pedagógicas, buscando formas diferentes de despertar o desejo de leitura em seus alunos. É necessário, portanto que os docentes conheçam teorias e estratégias de leitura pertinentes em textos diversos, independentemente da disciplina ministrada, para que possa despertar nos alunos o senso crítico, na tentativa de cessar a “domesticação de palavras”, uma prática já existente de leitura nas escolas.

Vivemos uma época em que a leitura decodificadora não é suficiente para suprir as necessidades sociais e de trabalho, é necessário ampliar esse conhecimento para as interações em diversos contextos e espaços sociais. A leitura e o letramento são elementos importantes da ação escolar, a necessidade de aprimorar o conhecimento da linguagem de forma sistematizada contribui para a interação dos alunos nos diversos contextos sociais, exigindo que a escola proporcione uma melhor formação escolar.

Kleiman, (2010, p.6) justifica que “a complexidade da sociedade moderna,

exige conceitos também complexos para descrever e entender seus aspectos relevantes.” Tais conceitos abrem horizontes para compreender os contextos sociais e suas relações com as práticas escolares e não escolares, a aprendizagem acontece também em espaços não escolares porque a presença da escrita muda de lugar para lugar “e o conceito de letramento surge como uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades e não somente nas atividades escolares.” (KLEIMAN, 2010, p.6)

Ainda sobre leitura e letramento, Kleiman (2010, p.25) esclarece que fora da escola, o letramento varia de acordo com a situação em que se realizam as atividades de uso da língua escrita. “Há uma tendência humana para contextualizar a ação, e as atividades em que se usa a escrita não fogem dessa tendência.” Para a autora, essas práticas denominam-se práticas situadas: “Refere-se ao entrosamento ou à sobreposição parcial existente entre a prática social e a situação; podemos atribuir isso a uma capacidade básica do ser humano de contextualizar os saberes e a experiência.”

Em outras palavras, as práticas de letramento e leitura em qualquer fase de escolarização, iniciam-se bem antes da escola. De modo geral, a leitura e o letramento perpassam pelas mudanças sociais e pelo modo que as pessoas se comunicam, seja em qualquer relação social ou em processos de aprendizagem. Observa-se, entretanto, que as práticas de letramento em espaços de escolarização são, em sua maioria, direcionadas pelo professor, variam segundo a situação e interesse, mas permeiam as atividades de uso da leitura e da escrita.

Diante disso, a intenção aqui foi propor um ensino, não apenas de língua, mas de leitura, que tenha o objetivo de levar o aluno a adquirir níveis de letramentos que lhe permita uma interação cada vez maior com a leitura e escrita nos usos possíveis de práticas sociais. Para tanto, é necessário que os professores dispam-se de práticas arquetípicas de leitura em todas as áreas do conhecimento e possam perceber que “nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, sobretudo, levar os indivíduos - crianças e adultos - a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e escrita” (SOARES, 1998, p.18).

Assim, nas aulas de qualquer disciplina, os textos, geralmente os do livro didático, não seriam usados como pretexto para introduzir conteúdos, fazer os alunos decorarem palavras sem sentido, com aplicação mecânica, descontextualizadas, mas teriam leituras variadas de textos que circulam nas

esferas sociais.

2.2.1 Conhecimentos prévios para a leitura

Para que o aluno consiga ler textos de forma proficiente, Kleiman aponta três tipos de conhecimento a serem ativados: o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo.

O ato de ler pressupõe conhecimentos que permeiam a compreensão e significados das palavras nos vários contextos comunicativos. Esses elementos da leitura estão diretamente ligados ao sentido do que se lê por isso alguns aspectos que constituem o ato de ler são processos que se caracterizam pelo conhecimento prévio que o leitor ativa ao realizar suas leituras. Ao conectar esses conhecimentos, a leitura perpassa os níveis linguísticos, textuais e de mundo, defrontando-os durante a leitura e o processo de compreensão.

O conhecimento linguístico é essencial à leitura, pois nele estão os sintagmas nominais que constituem a sequência linear do texto. Ter o entendimento dos conceitos das palavras, que as mesmas são semióticas e constituem sentido a partir de contextos, ou seja, “o conhecimento linguístico desempenha um papel central no processamento do texto” (KLEIMAN, 2008, p.14).

É, a partir dessa premissa que as palavras são percebidas,

A nossa mente está ativa, ocupada em construir significados, e um dos primeiros passos nessa atividade é o agrupamento de frases [...] identificação está que permitirá que esse processamento continue, até se chegar, eventualmente, à compreensão. (KLEIMAN, 2008, p.15).

À linguagem reconhecida pelo conhecimento linguístico na compreensão de um texto, soma-se ao conhecimento textual e desempenha um papel importante na leitura.

Os textos são classificados em tipologias e gêneros diversos que possuem características e especificidades distintas, apresentando estruturas, seleção lexical, níveis de informação, uso de recursos linguísticos que constituem as marcas enunciativas, tudo isso compõe a estruturação textual. Por essas razões, “quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será a sua compreensão” (Kleiman, 2008.p.20).

Para a compreensão plena da leitura é necessário acionar também o conhecimento de mundo que ativará o repertório de informações e inferências do leitor.

O conhecimento de mundo ou conhecimento prévio pode ser adquirido formalmente ou informalmente, nas experiências cotidianas e nas práticas sociais. Esse recurso é quase sempre ativado quando é essencial na compreensão de um texto, pois ao ativar a memória, as informações relevantes ao assunto a partir de elementos formais fornecidos no texto ativam as partes de um quebra-cabeça que transformará a leitura em uma atividade de procura, significados e sentidos pelo leitor.

2.2.2 Objetivos da leitura

Além dos conhecimentos anteriormente citados, é fundamental que sejam propostos objetivos ao aluno para direcionar a leitura de um texto. Das atividades relevantes para a compreensão e produção dos textos, se faz necessário estabelecer critérios que venham intervir de forma eficaz no processo de compreensão e produção dos gêneros textuais.

A prática escolar de leitura tem sufocado essa etapa inicial de leitura, pois em sua maioria, as atividades de leitura são confusas, sem objetivos que vão além da decodificação e cópias, resumos, resenhas, análises desconexas e difusas que não contribuem para a compreensão. Kleiman (2008, p.30) afirma:

Assim, encontramos um paradoxo que, enquanto fora da escola o estudante é perfeitamente capaz de planejar as ações que o levarão a um objetivo pré-determinado (por exemplo, elogiar alguém para conseguir um favor), quando se trata de leitura, de interação a distância mediante o texto, a maioria das vezes esse estudante começa a ler sem ter ideia de onde quer chegar [...].

Ou seja, as práticas em sala de aula devem encontrar caminhos para simultaneamente não cercear o prazer da leitura, mas planejar objetivos de leitura que levem a construir significados adequados a ação de ler, compreender e entender o que se lê, para que se lê e quais objetivos desejam com a leitura.

2.2.3 Estratégias de Leitura

As estratégias de leitura são os meios que os leitores utilizam para atingir a compreensão de um texto, através de um controle consciente do ato de ler, são elas que ajudam a diferenciar os bons dos maus leitores. Segundo GONÇALVES (2008), essas estratégias incluem as capacidades de: determinar as ideias principais do texto; resumir a informação contida no texto; efetuar inferências sobre o texto; gerar questões sobre os conteúdos do texto e monitorar a compreensão (metacognição).

A capacidade de reconhecer e determinar o que é essencial e o que é detalhe dentro de um texto são muito importantes para a compreensão e auxilia na memorização das informações contidas no texto. O leitor que possui essa habilidade analisa o texto minuciosamente, relendo trechos e não foram compreendidos ou retornando alguns períodos para compreender melhor o que está escrito. Ou seja, o leitor coordena o ritmo de leitura da melhor forma para preencher suas lacunas de conhecimento.

a) Sumariar a informação contida no texto:

Outra estratégia essencial utilizada na leitura é resumir as informações contidas em um texto, seja na forma verbal ou escrita. A realização de uma síntese coerente caracteriza um bom leitor, uma vez que exige a capacidade de exclusão de algumas informações desnecessárias e de substituição por termos mais abrangentes.

b) Efetuar inferências sobre o texto:

Já a capacidade de inferir sobre aspectos dos textos é a melhor forma de avaliar se uma pessoa compreendeu o que leu. Por exemplo, “ao ler num jornal um artigo de opinião, fazemos inferências acerca das razões pelas quais o autor escreveu o artigo, porque o publicou naquele jornal e não noutra, porque defendeu certos argumentos, porque evocou uns fatos e deixou outros omissos. Fazemos tais inferências a partir de conhecimentos e crenças que entendemos serem relevantes.” (GONÇALVES, 2008).

A inferência sobre um texto envolve os leitores emocionalmente, ou seja, é influenciada pelos conhecimentos prévios que o leitor tem sobre um assunto, portanto a leitura de jornais destaca-se como um excelente método de despertar o pensamento crítico nos alunos do ensino médio.

c) Gerar questões sobre os conteúdos do texto:

Outra estratégia que estimula a participação dos alunos, segundo a autora, é a fomentação de questões a respeito do texto, o que aguça a curiosidade dos jovens para aprofundar o assunto discutido. Eles devem ser estimulados a refletirem criticamente sobre diversos aspectos do texto (conteúdo, estilo de linguagem, intenção do autor, etc.), estabelecer relações entre o que leram seu conhecimento prévio e formar seu próprio ponto de vista a respeito do texto.

d) Monitorar a compreensão (metacognição):

A compreensão da leitura pode ser determinada por vários fatores e processos que estão diretamente ligados aos objetivos do leitor e ao gênero textual selecionado. As estratégias envolvidas nas leituras de textos acionam mecanismos de interesse do leitor, ou seja, a capacidade de estabelecer objetivos na leitura é considerada uma estratégia metacognitiva, “isto é, uma estratégia de controle e regulamento do próprio conhecimento” (KLEIMAN, 2008, p.34).

O conhecimento metacognitivo usado pelo leitor desenvolve-se com o passar dos anos, pois implica reflexões sobre o próprio conhecimento, impulsionando um avanço sobre o próprio saber, isso significa que as estratégias são adequadas às necessidades e momentos de leitura. O leitor, então, formula através das pistas fornecidas pelo texto, hipóteses de leitura que deverão ser confirmadas, refutadas ou reformuladas no decorrer da leitura em si. De acordo com essa concepção, tem-se a leitura como interação entre leitor e texto.

2.3 GÊNEROS TEXTUAIS

Nas muitas práticas sociais de leitura, escrita e letramento haverá textos em formatos diversos tanto quanto permite a esfera da atividade humana mediadas pela linguagem que é uma atividade humana que em qualquer tempo e lugar pressupõe discurso verbal e não-verbal, denominados gêneros textuais ou discursivos que se apresentam em diversidade e multiplicidade porque são várias as esferas de produção de cada gênero textual.

Denominados “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1979, p. 279), os gêneros discursivos são usados nas interações verbais das esferas de circulação social dos interlocutores. Nas esferas de circulação, “a utilização da língua se efetua em forma de enunciados” (BAKHTIN, 1979, p. 279). De acordo com as condições e finalidades de cada uma dessas esferas, é possível encontrar uma diversidade de gêneros discursivos que se modificam e se ampliam a cada novo contexto social e histórico de circulação.

Segundo Marcuschi (2002), a criação de um gênero textual tem suas definições e características com base em outros gêneros já existentes, visto que não possuem formas rígidas, adequam-se às inúmeras situações comunicativas e históricas. Desta forma, os gêneros podem ter suas características modificadas conforme a necessidade de cada época, cada qual com suas próprias inovações tecnológicas, que podem influenciar na constituição dos gêneros.

Na concepção de Bakhtin, vincular os gêneros discursivos em suas diversas possibilidades de apresentação em conceitos de estilo, construção composicional e conteúdo temático são uma forma de organizar cada texto e os elementos da linguagem em suas práticas sociais. Os gêneros do discurso são histórica e socialmente construídos, relacionam-se diretamente às diferentes situações sociais que determinam suas características temáticas, composicionais e estilísticas.

Conforme o estudioso:

As características do enunciado refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção perada nos recursos da línguas - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também e, sobretudo por sua construção composicional (BAKTIN, 2000, p.279).

Nessa perspectiva, o estilo não nega o caráter de individualidade do autor que organiza o enunciado a sua maneira, isso é possível porque o estilo sempre se relaciona com os enunciados alheios com os quais se comunica, pois a linguagem só pode ser bem compreendida em seu caráter real de acontecimento histórico. A construção composicional, não é passiva nem se destina apenas em transmitir o conteúdo, pois é indissociável aos outros elementos textuais e sua concretização nas esferas sociais. O conteúdo temático não se refere ao assunto específico do texto, mas à finalidade discursiva, ou seja, o domínio de sentido de que se ocupa o gênero, destina-se a orientação de sentido para o próprio discurso e seus participantes na interação da linguagem.

Esses elementos são indissociáveis e relacionam-se sempre e necessariamente com os mesmos elementos de outros gêneros, pois diante da infinidade de gêneros discursivos existentes em nossas práticas sociais orais e escritas surge, no espaço escolar uma real necessidade de interação entre o que se está ensinando aos discentes a partir do uso efetivo da língua que se amplia de acordo com o desenvolvimento da sociedade contemporânea.

2.4 JORNAL E GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Até a pouco tempo atrás, existia um universo praticamente inacessível ao homem. Hoje, através da nova linguagem de informação e das novas tecnologias de comunicação, que se impõem a caminho da globalização, já é possível ampliar o conhecimento humano. Mas como deve a escola se posicionar frente a tudo isso? O principal é a escola não ignorar a necessidade do uso dos meios de comunicação de massa em sala de aula.

De imediato, percebe-se um “denominador comum” entre o jornal e a escola: ambos se utilizam de informação. O primeiro articula ideias, expõe fatos, retrata a sociedade; a segunda vale-se dos conhecimentos para atingir seu objetivo maior que é agir efetivamente sobre as pessoas (educar). Portanto, propõe-se a introdução desse material fascinante como um recurso a mais para o professor.

O jornal na sala de aula deve ser utilizado como um recurso capaz de proporcionar o prazer pela leitura – ou redescobrir o prazer pela leitura - e posteriormente conduzir o aluno a uma formação crítica, capaz de fazer opções, compreender a realidade e nela intervir. Para tanto, o professor deve estar preparado para tratar de conhecimentos novos e imprevisíveis explicitados pela realidade social.

O jornal é suporte que veicula textos de diferentes gêneros textuais, como notícias, textos de opinião, classificados, charges, resenhas, manchetes, horóscopos, tirinhas, crônicas e outros. Por isso, formar leitores de jornais é formar o leitor crítico, pois por meio dessas variações de leitura o aluno pode comparar ideologias, relacionar imagens e conteúdos escritos, aprender com as informações, atualizar-se com as notícias, conhecer a política e a sociedade de diferentes países.

Nesta proposta, destacam-se os gêneros jornalísticos carta do leitor e notícias, que são gêneros que visam à atualização sobre os mais diversos assuntos e formação de opinião. Demonstrar o diálogo entre esses gêneros para que o aluno perceba que os leitores escrevem suas cartas para manifestarem suas opiniões a respeito dos acontecimentos publicados e que podem se revoltar pela forma com que o jornal veicula a notícia, concordar e até elogiar a forma com que o jornal escreveu sobre o acontecimento.

Isso também porque mesmo as notícias que se prestam a informar sempre acabam direcionando o conteúdo de forma subjetiva, formando opiniões. E para que o aluno consiga perceber essa subjetividade é necessário que ele leia a mesma notícia em mais de um jornal.

2.4.1 Notícia

A notícia é o gênero que tem como objetivo informar os acontecimentos da forma mais rápida possível devemos associá-lo às inúmeras situações sociocomunicativa. A notícia sempre tem uma intencionalidade, por isso o texto deve ser sucinto, direto, objetivo, claro. O discurso utilizado é a narrativa técnica. Nela não contém marcas de subjetividade, trazendo uma linguagem clara, objetiva e

precisa, como questões fundamentais. É um texto agradável para o leitor pela sua contribuição de informações sobre acontecimentos reais e pela brevidade de seu conteúdo (ALVES-FILHO, 2011).

Para alcançar o objetivo da notícia alguns aspectos deverão ser seguidos: manchete ou título principal; título auxiliar; lide; corpo da notícia. Estudar notícias é formar leitores atualizados sobre todos e quaisquer assuntos da atualidade e da sociedade local ou mundial. Uma característica importante é a veracidade dos fatos, ainda mais quando se pode ler em jornais online ao mesmo tempo em que os fatos acontecessem.

2.4.2 Carta do leitor

Por ser um gênero argumentativo, a carta do leitor é uma das principais formas do leitor interagir com a redação do jornal, de uma revista ou periódico. Neste tipo de gênero há uma flexibilidade na linguagem, pois poderá prevalecer certa informalidade.

Normalmente os conteúdos das “cartas do leitor” são bem diversificados, pois eles são de acordo com os assuntos e acontecimentos mais importantes e polêmicos da semana, despertando assim o desejo dos leitores de opinar a respeito. Os leitores encontram neste gênero a oportunidade de expressar sua opinião e de assumi-la publicamente perante os outros leitores. Com a liberdade de expressão e a abertura política existente no nosso país, é oportunizado este diálogo crítico entre leitores e editores/jornalistas.

Para Bakhtin (2000), a linguagem é um objeto social e a comunicação só é possível por meio de enunciados completos, ou seja, por enunciados passíveis de respostas, em um determinado contexto discursivo. Os sujeitos participantes de uma dada comunicação se inter-relacionam e tudo isso depende da noção de acabamento do enunciado.

A carta do leitor surgiu a partir da fase impressa dos gêneros, pois é um gênero que se encontra, primeiramente, nos jornais impressos. Segundo o autor, a carta do leitor que circula na esfera da comunicação da mídia, os temas são de caráter público e a principal intenção do leitor é demonstrar suas opiniões a respeito dos temas levantados e, através da argumentação em defesa de seu ponto de vista, tentar persuadir os leitores de contrair a mesma opinião.

Pode-se dizer que a relação que se estabelece entre os leitores/autores das cartas e os jornais que leem e para os quais escrevem é baseada num sentimento de expectativa de ambas as partes. De um lado, há os responsáveis pela edição e publicação dos jornais que esperam que tanto a forma quanto o conteúdo de seu jornal sejam do agrado de seus leitores. A carta do leitor é esperada, portanto, pelos jornais não apenas como um meio de interação com seus leitores, mas também como um índice de expansividade ativa por parte dos leitores.

Normalmente a equipe de redação do jornal tem plenos poderes para selecionar e adaptá-las para a publicação, pois este espaço não é tão amplo, sendo agrupadas por assuntos, isto é, relacionadas às devidas matérias jornalísticas a que se refere.

3. RESULTADOS OBTIDOS

Ao se pensar novas possibilidades de trabalho no processo ensino e aprendizagem sempre se faz presente à questão de como ensinar de forma diferente determinado conteúdo, ou melhorar a que já se tem. Foi pensando assim que vi a possibilidade de propor atividades de leitura, buscando ampliar o letramento dos educadores relacionando-o com as práticas pedagógicas.

O trabalho pedagógico a partir de dois gêneros textuais, *carta do leitor e notícia*, acabou por ser uma ótima oportunidade para relacionar conteúdos dentro das áreas de conhecimento: exatas, humanas, biológicas e línguas.

Nesse sentido, a implementação do projeto se deu para que o professor que atua no ensino médio pudesse perceber e internalizar que a aprendizagem escolar deve oportunizar ações pedagógicas que podem contribuir para que a sua prática pedagógica seja reprogramada sempre que achar necessário, a fim de satisfazer às necessidades e expectativas dos alunos, independente de datas estabelecidas pelo sistema de ensino.

No desenvolvimento do curso com os professores que atuam no ensino médio identificou-se uma preocupação entre os docentes que acabou por se transformar na proposta de se ampliar as práticas sociais da escrita visando ao letramento como forma de despertar o interesse de seus alunos para a leitura de textos da esfera jornalística.

Dessa forma, o estudo dos gêneros textuais *notícia e carta do leitor* contribuíram significativamente para ampliar as práticas educacionais desses

profissionais, associando atividades de leitura e escrita a todas as disciplinas envolvidas, matemática, língua portuguesa, arte, história, sociologia, filosofia, língua inglesa e química. A interdisciplinaridade por meio das práticas de letramento é um elemento importante nas práticas em sala de aula. Isso despertou o interesse dos professores em trabalharem na criação de um projeto de leitura diferenciado no próximo ano, como “O jornal da escola”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho, elegemos uma proposta de reflexão acerca das práticas de letramento na qual os docentes que atuam no ensino médio tiveram a oportunidade, durante a implementação, de trabalhar com seus pares temas que auxiliaram no ensino e aprendizagem dos alunos, por intermédio do jornal impresso, destacando os gêneros textuais carta do leitor e notícia, como instrumentos de ensino e aprendizagem da leitura e escrita na escola.

Os professores consideraram relevantes as práticas pedagógicas propostas a partir dos gêneros textuais da esfera jornalística para o seu trabalho em sala de aula. Tais práticas proporcionaram a sua reflexão sobre a estrutura composicional dos gêneros e sobre sua funcionalidade no uso das práticas da escrita e leitura que perpassam as disciplinas.

A partir desse novo olhar, os professores estarão aptos a ampliar a capacidade comunicativa dos educandos nas diferentes esferas de atividades humanas, ou seja, nas diferentes disciplinas envolvidas neste projeto. Poderão aperfeiçoar a metodologia de ensino de leitura e conscientizar os alunos de que ler é participar de práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

FARIA, M. A. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina da leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
_____, **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 11.ed. Campinas: Pontes, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 405 p.

PARANÁ: Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares de Educação Básica: Língua Portuguesa e Literatura**. Curitiba: SEED, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998/2009.

PAVANI, Cecília. JUNQUER, Ângela. CORTEZ, Elizena. **Jornal: uma abertura para a educação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

PAVANI Cecília (org). **Jornal: informação e ação**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002. Caiado, Elen Campos. A impotância do jornal na escola. 2011

SCHLATTER, M. **O ensino de leitura em língua estrangeira na escola: uma proposta de letramento**. Calidoscópico, v. 7, n. 1, p. 11-23, jan./abr. 2009.

SILVA, Antonieta Emanuelle Santos. **Cartas do leitor: atividades para o ensino médio**. *Interdisciplinar*, v. 2, n. 2, p. 13-20 – jul./dez de 2006.

SILVA. Farias. **Gêneros Jornalísticos para a prática de sala de aula**. REVELLI – Revista da Educação, Linguagem e Literatura. UEG-Inhumas. v.2, nº2. Outubro 2006.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2005.

XAVIER, Antônio Carlos. **Identidade Docente na era do Letramento Digital: Aspectos Técnicos, éticos e estéticos**. Universidade Federal de Pernambuco, Anais Eletrônicos, 1ª edição, 2008. Disponível em <https://www.ufpe.br/nehete/simposio2008/anais/Antonio-Carlos-Xavier.pdf>. Acesso em 07/ agosto/ 2015.